



Manuela Marques, *Recomposition 1*, 2016, impressão com tinta pigmentada sobre papel RC, 100 x 150 cm, Ed. 1/3 + 2 P.A.

## Manuela Marques

### *Surfaces sensibles*

**Inaugura Sábado, 3 de Fevereiro das 17h às 20h**

3 de Fevereiro – 24 de Março, 2018

Caroline Pagès Gallery  
Rua Tenente Ferreira Durão, 12 – 1º Dto.  
[Campo de Ourique]  
1350-315 Lisboa, Portugal  
T [+351] 21 387 33 76  
M [+351] 91 679 56 97  
gallery@carolinepages.com  
www.carolinepages.com

Aberto das 15h às 20h, de Terça-feira a Sábado, e por marcação fora deste horário.

*Surfaces sensibles* é a nova proposta de Manuela Marques para a sua quarta exposição individual na Galeria Caroline Pagès em Lisboa que reúne um conjunto de fotografias na linha daquelas que revelou para a sua recente exposição em Reims (Le Cellier, 2017) intitulada *A Força de Coriolis*. Sobre essa exposição, a comissária Audrey Illouz escreveu o texto seguinte :

## *A placidez de um lago*

A exposição, cujo título remete para um fenómeno físico relacionado com o estudo dos ventos, é atravessada pelo sopro. A imaterialidade do sopro faz com que ele seja difícil de captar e representar. Uma bolha de sabão, uma mão colocada à frente de um rosto, um papagaio rasgado que ficou preso no cume de uma árvore e uma garrafa que rodopia, transformada em catavento, são indícios que chamam a nossa atenção para este elemento vital que emana tanto da atividade humana como da natureza.

### *Bolhas*

A imagem da bolha de sabão, recorrente na exposição, constitui um primeiro indício dessa materialização do sopro. Devido ao seu cariz efémero que relembra a fugacidade da vida, esta esfera transparente inscreve-se totalmente na tradição pictural da vaidade (de Jacob De Gheyn a Chardin, passando por Manet) para evocar agora um contraponto contemporâneo, uma variação sobre o tema *Homo bulla est* ("O Homem é uma bolha".) No vídeo *O Soprador*, o enquadramento apertado do soprador de bolhas remete, como na *Bolha de sabão* de Chardin, para um exercício de concentração. Porém, o homem que se encontra à nossa frente não passa de um vendedor ambulante cujo trabalho é dos mais precários, arrastado pela agitação da megalópole. O esforço de concentração também assume uma dimensão social subjacente. Pousada na palma da mão, a bolha torna visível o espectro de luz e parece estar prestes a rebentar (*Mão 3*). Quando substitui um broto nos ramos de uma árvore, com uma tensão entre a vida e a morte, ela transforma-se em brinquedo ótico, espelho do mundo contrariado e desdobrado (*Bolha 1*). Invertendo a paisagem que produz, a bolha também relembra a *camera obscura* e parece invocar o próprio ato fotográfico.

### *Surfaces sensibles*

Ora, os jogos óticos, reflexos, aberrações e outras ilusões são omnipresentes nesta exposição onde a presença do espelho é recorrente. O espelho é nomeadamente fotografado no palácio de Versalhes onde a artista esteve em residência entre 2014 e 2016. Nos espaços labirínticos do palácio, Manuela Marques fotografa o reflexo dos espelhos e o emaranhado de portas, criando uma sensação de perda de referências vertiginosa (*Espelho 3*). Autorizada a trabalhar em espaços inacessíveis ao público, a artista interessou-se por grandes superfícies vidradas onde o sinelo bloqueia a visão (*Vidro 8*). Porém, podemos distinguir as inscrições deixadas por visitantes anónimos, desejosos de assinalar a sua passagem pelo local. Essa superfície que relembra um daguerreótipo alterado também evoca as origens da fotografia. Aqui, existe uma tensão entre a representação e a abstração. A representação apaga-se para oferecer uma experiência de percepção limite, como em *Lago 1* e *2*, onde a visão também parece obstruída. A superfície do lago é monocromática, leitosa e impenetrável em vez de refletora. Devemos olhar fixamente para a imagem para que essa superfície mostre, por cima e por baixo dela, as plantas que escapam ao primeiro olhar. É então que o Lago de águas plácidas aparece como uma metáfora da superfície sensível sobre a qual a imagem é revelada.

### *Espelhos negros*

A fotógrafa introduziu recentemente um elemento de encenação na paisagem, uma placa negra em PVC, superfície refletora capaz de perturbar a visão. A fotografia intitulada *A Travessia* funciona por sua vez como um indicador já que revela o dispositivo, inserindo-o em simultâneo na composição da imagem. O homem que atravessa o campo visual e cujo rosto está dissimulado pelo ecrã que transporta funde-se na paisagem. Justapõem-se dois fragmentos de paisagem. Nessa tensão entre presença e desaparecimento, o corpo segue uma estratégia de camuflagem que reaparece noutros retratos. *A Braçada* deixa adivinhar

um corpo cujo rosto inacabado está coberto de flores. Um bloco de gelo que encarcera vegetais substitui o rosto de forma transitória (*Bloco 1*).

Em *A Travessia*, a superfície negra esgueira-se pela paisagem e relembra o espelho do mesmo tom, esse instrumento ótico utilizado pelos pintores de paisagens e popularizado por Claude Lorrain, cuja superfície ligeiramente convexa e tingida permitia isolar o assunto a tratar e determinar o enquadramento. Na fotografia *Caminho 1*, o espaço que se apresenta ao espectador é apenas o reflexo (a curva da estrada é impossível). A experiência lembra aquela que sentimos perante os reflexos dos espelhos de Dan Graham na paisagem. Travessando uma moradia em *Double Exposure*, a paisagem natural, a fotografia e a arquitetura feita de espelhos interferem. Embora a relação interpessoal e a dimensão *in situ* não estejam em jogo no trabalho de Manuela Marques, este fragmento fotográfico restitui o caminho ao primeiro plano, inserindo um orifício na paisagem de fundo. O enquadramento recria uma profundidade, oferecendo ao espectador um espaço de projeção. Todo o nosso corpo se insere na imagem, como é o caso em *Rocha*, uma impressão com fundo azul à escala de uma calha de pendurar quadros, onde o reflexo e o real estão ao mesmo nível porque se encaixam e justapõem. É esse dispositivo que está em ação no vídeo *A Força de Coriolis*. As pedras que como móveis, giram em movimentos contrários, provêm de recomposições onde o objeto e o seu reflexo também estão ao mesmo nível.

O desdobramento que atravessa as obras de Manuela Marques e faz eco da arquitetura do Cellier e dos seus dois vãos, reaparece no percurso da exposição, perturbando a percepção. Os elementos repetitivos (bolhas, pedras, espelhos e vidros) assumem uma tensão reflexiva. A exposição oscila entre opacidade e revelação, representação e abstração, presença e desaparecimento e convida a reconsiderar o próprio ato fotográfico.

Audrey Illouz

(Traduzido do francês por Irène Leclerc)

**Manuela Marques** (PT/FR n. 1959) vive e trabalha em Paris.

A sua primeira mostra em Portugal ocorreu nos *Encontros da Imagem* de Braga em 2002 (curadoria de Rui Prata). Em 2005, uma selecção das suas obras foi incluída na Bienal de Fotografia de Lisboa (curadoria de Sérgio Mah) e, em 2011, o seu trabalho foi distinguido com o prémio BESphoto.

Em breve, Manuela Marques vai expor individualmente no Museu de Lodève e no Museu de la Roche-sur-Yon em França, após as suas recentes exposições individuais no Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa e Le Cellier, Reims, França (2017) com curadoria de Audrey Illouz; Museu de Arte e Arqueologia (La Sellerie), Aurillac, França (2016); 'L'Art dans les Chapelles', Pontivy, França (2016); Château d'Eau, Toulouse, França (2015); CAPC-Círculo Sereia, Coimbra, Portugal (2015); Fundação Calouste Gulbenkian, Paris (2014) com curadoria de Sérgio Mah.

Desde o início da década de 90, Manuela Marques tem exposto com regularidade em instituições francesas como o Centro Nacional de Fotografia, o Centro Fotográfico da Ile-de-France, o Museu Malraux, o FRAC Auvergne e FRAC Haute-Normandie, o Domaine de Chamarande, a Colecção Lambert em Avignon e a Galeria Agnès B., Paris.

Em Portugal, participou em exposições coletivas na Galeria da Fundação EDP (curadoria de João Pinharanda) no Porto.

No Brasil, Manuela Marques expôs em São Paulo, na Galeria Vermelho, na Estação Pinacoteca e no Museu da Imagem e do Som, em Brasília, no Espaço Cultural Contemporâneo e no Museu de Arte Moderna e em Niterói, no Museu de Arte Contemporânea.

Em 2013, participou da PhotoEspania no Real Jardin Botanico de Madrid.

O seu trabalho faz parte de colecções públicas francesas como o Fond National d'Art Contemporain Paris, o FRAC Auvergne e FRAC Haute-Normandie, o Museu Malraux, o Domaine de Chamarande, o Instituto Camões em Paris e a Colecção de Agnès B.

Em Portugal, integra a Coleção Berardo em Lisboa, a Coleção Calouste Gulbenkian, a Coleção Fundação EDP, a Coleção da Cidade de Lisboa, a Coleção de Arte do Banco Espírito Santo e a Coleção do Museu da Imagem de Braga.

O seu trabalho também está presente na Coleção Wedge em Toronto e na Coleção BES Investimento em São Paulo.

Em 2018 será publicada uma terceira monografia da artista.